



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

RELACIONAMENTO ABUSIVO: O PATRIARCADO E SUAS INFLUÊNCIAS NA ATUALIDADE

Bruna Marques Leão
Júlia Moraes Terra
Vitória Duzac Greco
Vitória Luiza de Camargo Milczarski

"Nós percebemos a importância da nossa voz quando somos silenciadas". (MALALA YOUSAFZAI)

RESUMO: O relacionamento abusivo é aquele no qual prevalece uma relação de abuso e submissão para com a vítima. Tal ação é constantemente velada, naturalizada e romantizada nos diversos setores sociais, a ponto de, muitas vezes, não ser considerada uma forma de violência, o que desencoraja as vítimas a denunciar e proteger os agressores. O objetivo desse estudo foi discorrer sobre a nocividade do abuso nos relacionamentos a fim de que se tenha um debate consistente sobre as consequências dessa violência tanto para a vítima como para o aumento da desigualdade de gênero no país.

PALAVRAS-CHAVES: relacionamento, abuso, psicologia, patriarcado.

ABSTRACT: The abusive relationship is the one which prevails the abuse and submission towards the victims. This action is constantly hidden, naturalized and romanticized in many social sectors, even being disregarded as a form of violence, discouraging the victims from reporting and, thus, protecting the aggressors. Using a bibliographic methodology, the aim of this study is to explore the harmfulness of the relationships abuse, in order to construct a consistent debate about the consequences of this violence both for the victims and for the increase of the gender inequality in the country.

KEYWORDS: relationship, abuse, psychology, patriarchy.

1 INTRODUÇÃO

O relacionamento abusivo pode ser definido, em linhas gerais, como uma relação na qual são praticados atos de agressão para com a vítima de modo a torná-la submissa, prevalecendo uma convivência abusiva, não somente constatada pela violência física, como também psicológica, verbal e sexual. Embora também ocorra com homens, a presença de relacionamentos abusivos é mais recorrente com as mulheres, por conseguinte, os índices, no Brasil, aumentam a cada ano¹.

1 Segundo dados do Mapa da Violência de 2015 (Cabela/Flacso), foram registrados no Brasil o equivalente a 13 feminicídios por dia, entre 1980 e 2013, totalizando cerca de 106 mil mortes de mulheres neste período. O Mapa da Violência também mostra que a violência doméstica ainda é uma das principais causas da morte de mulheres, sendo apontado como o principal fator de 50,3% dos mais de 4 mil casos registrados em 2013. O estudo também aponta que a própria casa é um ambiente inseguro para as mulheres, devido aos 27,1% dos casos de homicídio feminino, além de expor que, 50,3% foram cometidos por familiares, sendo que em 33,2% destes casos, o crime foi praticado pelo parceiro ou ex. Uma pesquisa feita em 2013 pelo Data Popular em parceria com o Instituto Patrícia Galvão (*Violência e Assassinatos de Mulheres*) mostra que 85% dos entrevistados acreditam que mulheres que denunciam a violência cometida por atuais ou ex parceiros têm mais chances



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

Entretanto, embora os casos aumentem a cada ano, é perceptível, na sociedade brasileira, uma naturalização do relacionamento abusivo, ao ponto de não ser, muitas vezes, reconhecido como uma violência. Tal fato decorre da enraização de uma cultura machista e misógina que, frequentemente, inferioriza e objetifica a mulher pelas sociedades patriarcais. Perante o abuso e o aumento progressivo da violência contra a mulher no país, é de suma importância que tal tema se torne mais presente na forma de debates nas esferas públicas da sociedade, a fim de ampliar a visibilidade e conscientização da temática e das consequências para as mulheres decorrentes de agressões e violências, tanto físicas quanto psicológicas.

Regularmente, por viver-se em uma sociedade com moldes patriarcais em que o homem se torna uma figura mandante, a mulher acaba se encontrando em situações totalmente submissas e inferiores que conduzem ao desencadeamento de suscetíveis abusos. A partir de uma metodologia de pesquisa e análise que contou com o estudo de fontes documentais primária e secundária, se constatou que a presença de relacionamentos abusivos se deve a uma cultura machista patriarcal, que tem como primórdio a transição da família sindiásmica para a monogâmica, bem como para sistemas econômicos agropecuários.

Com isso, o objetivo desse estudo foi discorrer sobre a nocividade do abuso nos relacionamentos, expondo fatos históricos, culturais e religiosos de diferentes sociedades, que o comprovam; a fim de que se tenha um debate mais consistente e conciso sobre as consequências dessa violência tanto para a vítima como para o aumento da desigualdade de gênero no país.

2 A SOCIEDADE PATRIARCAL E O PAPEL SECUNDÁRIO DA MULHER

2.1 O VIÉS DA SUBMISSÃO FEMININA NA GRÉCIA ANTIGA

É certo que na Grécia Antiga, a mulher não era vista como uma cidadã. Elas, junto dos escravos e crianças, não eram consideradas pessoas dignas de qualquer benefício ou decisões importantes, ou seja, só eram considerados cidadãos homens proprietários de terras com poderes políticos. Isto se deve ao fato da sociedade grega ser montada sobre

de seres mortas. Entretanto, para 92%, quando essas agressões ocorrem com frequência, podem terminar em assassinato. Ou seja, de acordo com o estudo, o risco de morte por violência doméstica pode ser iminente.



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

uma estrutura patriarcal voltada para a guerra. Com isso, os homens eram classificados como superiores às mulheres².

Em relação à política, as mulheres atenienses não podiam participar de debates ou quaisquer decisões relevantes sobre esse tema. As mulheres gregas eram educadas em casa pelas mães e avós, sempre aprendendo tarefas domésticas. Elas tinham uma vida voltada para o cuidado com a casa e sempre direcionada a ela.

A escolha do marido era função do pai e da família, a mulher jamais escolheria com quem se casar. O casamento da época era considerado um acordo, um tratado que unia duas famílias, acima de tudo, economicamente. Ao se casar, a mulher estava sob os cuidados e regras do seu marido, o qual lhe mandava cuidar do lar, além de criar, gerar e tomar conta dos filhos.

As vestimentas da época também refletiam muito como a mulher era tratada naquela sociedade. A nudez, mesmo sendo um marco significativo na arte grega, era proibida às mulheres, a beleza só estava no corpo masculino e nada além dele. Usavam túnicas até os joelhos quando estavam em suas casas e, ao sair, utilizavam véus e túnicas até os tornozelos. Eram proibidas de conviver e conversar com outros homens que não fossem seu marido ou familiares.

Uma das poucas atividades liberadas às mulheres gregas de Atenas era a participação destas na religião. Elas podiam participar das festas e ir a santuários, entretanto, não podiam realizar o sacrifício aos deuses, já que este era considerado uma prática totalmente voltada ao sexo masculino.

É importante lembrar que há uma grande diferença entre as mulheres gregas nascidas em Atenas e as nascidas em Esparta. As atenienses viviam sob regras rígidas e constantes, enquanto as espartanas tinham mais privilégios e "liberdade". Podemos citar como exemplo a prática esportiva. Em Atenas, era expressamente proibido qualquer outra atividade que não fosse ligada à administração do lar, ao passo que em Esparta, as mulheres podiam praticar exercícios esportivos.

² A famosa história da caixa de Pandora é um grande exemplo da presença da inferiorização das mulheres na Grécia, a qual era recorrente, inclusive, na mitologia. A lenda conta que Zeus ordenou que criassem a mulher a fim de acabar com os homens. Esta mulher foi nomeada Pandora e foi ordenada por Zeus a entregar uma caixa aos homens. Ao levar o "presente" a Epimeteu, este decreta que Pandora não abra a caixa, entretanto, movida pela curiosidade, abre o recipiente e libera todos os males da humanidade, prendendo apenas a esperança. Este mito reforça a inferioridade do sexo feminino perante os homens, já que, como na maioria dos mitos, responsabilizam a mulher pelos malefícios causados.



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

As mulheres espartanas ganhavam respeito e admiração, pois eram elas que geravam a vida de grandes e corajosos guerreiros. Sendo assim, eram permitidas e incentivadas a aprenderem a ler e estimuladas a realizarem atividades físicas. Além disso, quando os homens eram convocados para as guerras, as mulheres ficavam responsáveis pela administração dos seus estabelecimentos.

Com isso, é significativo ressaltar que as divergências entre as mulheres atenienses e espartanas eram nítidas e expressivas. Em Atenas, as mulheres eram lembradas como submissas e inferiores aos homens, sempre os obedecendo e seguindo suas normas, regras e exigências. Já em Esparta, elas eram consideradas um sinônimo de admiração, respeito e veneração, já que estavam ligadas à fertilidade, ganhando assim mais autonomia e independência. Pode-se perceber, por fim, que mesmo muito próximas essas duas cidades-estado tinham diferentes maneiras e formas de tratar as mulheres dessa época³.

2.2 O PATRIARCADO NA IDADE MÉDIA E A VISÃO FEMININA

Período intensamente marcado pela proeminência masculina em todos os cenários de destaque e relevância da época, a Idade Média possui um nítido caráter patriarcal em sua história. Por conseguinte, tal período valorizava de forma exacerbada os atributos considerados tipicamente masculinos, tais como o valor militar, a força física e a capacidade de obter domínio sobre qualquer natureza, destacando desta forma a forte hierarquia que distinguia o papel honroso e digno masculino do papel inferior e desvalido exercido pelas mulheres.

Esta estrutura social hierárquica foi construída tendo como base o não conhecimento dos comportamentos e pensamentos femininos, devido à errônea construção social da imagem das mulheres elaborada na época, em que se acreditava que estas eram seres indecifráveis e de difícil compreensão. Os homens temiam o corpo, as reações incompreensíveis e o poder de sedução das mulheres. Contudo, a presença feminina era imprescindível para a perpetuação de linhagens masculinas, transmissões familiares das quais tomavam apenas o ramo paterno, sendo a parte materna quase ou completamente

³ "Foi isto que aconteceu na Lacedemônia, pois o legislador, querendo que toda a comunidade fosse igualmente belicosa, atingiu claramente o seu objetivo com relação aos homens, mas falhou quanto às mulheres que vivem licenciosamente, entregues a todas as formas de depravação e da maneira mais luxuriosa. Disto resulta inevitavelmente que numa cidade assim estruturada a riqueza é excessivamente apreciada, especialmente se os homens se deixam governar pelas mulheres (...)" (Aristóteles, Política, VI, 1270 a-b, pp. 60-61)



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

ignorada em tal situação. Isto é, o feminino apresentava-se, na maior parte das vezes, necessariamente passivo na estrutura familiar.

Nesse cenário, o papel feminino limitava-se ao de geratriz sob tutela e provedora de futuros guerreiros, salientando sua submissão ao marido. Diante dessa visão, as futuras gerações familiares também se inseriam em tal contexto, visto que apenas os filhos homens possuíam valor e eram festejados, enquanto as sucessoras mulheres eram mantidas reclusas como propriedade, servindo apenas para o trabalho doméstico, procriação e criação dos filhos, tarefas das quais lhes eram ensinadas desde a infância pela mãe.

Outro fator constituinte do patriarcado medieval foi a Igreja, que representou um dos principais pilares regentes da Idade Média e, por este motivo, exercia grande influência na vida das comunidades da época. Devido a este nível de autoridade através da qual esta era representada, os indivíduos repensavam todas as suas ações baseadas nos princípios fundamentados dentro dos ideais religiosos. Desta forma, a Igreja contribuiu significativamente para a composição do modelo patriarcal presente na época, visto que todos os cargos religiosos e de respeito eram exercidos por homens como clérigos, monges, bispos, entre outros e, além disso, a maioria das imagens adoradas nas Igrejas eram masculinas.

A visão religiosa sobre a mulher na época pregava os principais fundamentos patriarcais. A Igreja defendia a concepção de que o papel feminino seria exclusivamente doméstico e materno, distante dos ofícios de real destaque e importância, pois estes cabiam aos homens. Outrossim, o próprio meio utilizado pela doutrina cristã a fim de explicar o surgimento da imperfeição humana e da existência da crueldade e do sofrimento, que foi o conto do pecado original, culpabiliza a figura feminina, representada por Eva, por ceder a tentação de comer o fruto proibido, ocasionando, assim, no surgimento de todo o mal existente no mundo.

O período da Inquisição também apresentou forte repressão às mulheres durante a época em que foi imposta. Uma vez que o papel feminino fosse privado de inúmeras ações e direitos, qualquer comportamento fora do padrão tornava-se motivo de acusações e delações. A mais simples denúncia nos processos de Inquisição já se apresentava como prova de culpabilidade, cabendo à acusada provar sua inocência e custear sua prisão. Tal atuação religiosa prejudicou tão gravemente a parcela feminina existente na época, que até hoje ouvem-se histórias sobre mulheres acusadas de realizar rituais de "bruxaria e feitiçaria", as quais foram injustamente levadas à fogueira da inquisição para



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

pagar por suas ações. As consequências foram mais árduas para as mulheres devido ao fato da construção social de uma imagem feminina distinta do que se constatava na realidade, estas eram vistas como criaturas crédulas, faladoras, coléricas e vingativas, portanto, com tendência a bruxaria.

Desta forma, a Idade Média se apresentou como um período marcado pelos fundamentos e princípios patriarcais, frequentemente aplicados na vida e nas ações femininas, responsáveis por instruí-las a submissão e puni-las, caso não se portassem de maneira adequada.

2.3 A VISÃO DA ÁSIA E DO ORIENTE PRÓXIMO EM RELAÇÃO À MULHER E SEU PAPEL NA SOCIEDADE

Sabe-se que ser mulher sempre foi uma tarefa extremamente difícil e carregada de desafios; durante muitos anos, esta se encontrou em uma posição inferior aos homens nas diversas sociedades em que viveu. Tinha, portanto, suas vontades e sentimentos reprimidos frequentemente por aqueles que a subjugavam.

Adota-se como exemplo o Oriente Médio, no qual em pleno século XXI, ainda permanece viva a ideia de que as mulheres são seres tanto física quanto psicologicamente inferiores. Criadas para sempre possuírem um papel de menor importância quando comparada ao homem, elas são constantemente humilhadas, desprezadas e, muitas vezes, assimiladas a um mal maior. Leva-se em conta que há o enraizamento de tais ensinamentos também na sociedade ocidental, contudo com uma ênfase maior na sociedade oriental. Através da história pode-se perceber que, dentro do mundo árabe, principalmente no Egito, há uma imensa opressão para com as mulheres através da determinação de deveres a serem cumpridos pelas mesmas. Rígidos, impostos para serem estritamente seguidos, esses deveres causam e afirmam a inferioridade e subjugação da mulher através dos anos.

Em épocas remotas, meninas recém-nascidas, em alguns países islâmicos, eram enterradas vivas a fim de evitar possíveis desonras familiares, assim como livrar as famílias de gastos exacerbados em relação a seu futuro enxoval e noivado. Para exemplificar tal afirmação, uma recém-nascida, no dia 16 de agosto de 2017, foi abandonada em uma mata espinhosa na cidade de Una, na Índia. O jornal britânico "The Sun", que noticiou o ocorrido, nota que a garota foi largada à mata por ainda se acreditar na antiga crença de



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

que as meninas eram consideradas fardos às famílias mais pobres, ou até serem tratadas como “uma maldição divina”. Caso tivessem a oportunidade de seguir com suas vidas, essas meninas eram frequentemente tidas como uma propriedade de algum parente ou pretendente, sendo assim, rotuladas como objetos de apropriação e comércio.

Entretanto, lenta e tardiamente, tais caracterizações foram abolidas das crenças desses locais. Por diversas vezes, no decorrer dos períodos históricos, era negado às mulheres, parcial ou totalmente, o direito de exercer alguma profissão ou de poder ir à escola, mostrando mais uma vez, o quão oprimida sua liberdade e figura podiam ser. A título de exemplo, a inferioridade feminina se encontra mais uma vez presente. Uma menina indiana de 10 anos de idade, no dia 17 de agosto de 2017, deu à luz a uma menina após ter o pedido da realização de um aborto negado⁴ pela Suprema Corte Indiana. Através de relatos da mídia daquele país, a garota foi estuprada por seu tio, este que agora se encontra preso. Os pais desta descobriram que a filha estava grávida após ser levada ao hospital público da região quando se queixou de fortes dores estomacais. Ela estava com 30 semanas de gravidez e disseram-lhe que havia uma pedra dentro de sua barriga e por isso deveria se submeter a uma cirurgia. O bebê será dado para o centro de adoção local, divulgaram os pais da menina.

Concomitantemente, na Ásia, as mulheres também se encontram em posições inferiores devido à forte presença do sistema patriarcal. Sendo constantemente consideradas subalternas, as mulheres lutam diariamente para conquistar um espaço digno na sociedade regida pelo patriarcado. Esta inferiorização contínua abre espaço para a fortificação de uma sociedade machista e opressora. No dia 10 de agosto de 2017, uma propaganda machista e vulgar foi publicizada em um restaurante da cidade de Hangzhou, na China. Foi feita uma promoção às clientes mulheres desse estabelecimento, oferecendo desconto baseado no tamanho de seus seios. Uma forma clara de objetificação feminina com o intuito de atrair mais clientes. Várias mulheres reportaram formalmente a promoção como machista e grosseira para o conselho municipal chinês. A promoção foi encerrada. Contudo, o que notou-se em uma simples propaganda foi a perpetuação de uma sociedade déspota, sexista e machista.

Já no âmbito familiar, apesar das escolhas de condições de vida dos filhos serem de cunho materno, a figura do pai, tido como o requeredor de poder e progenitor, possui

4 A lei Indiana proíbe aborto de gravidezes que ultrapassem 20 semanas de gestação, e é somente permitido quando a vida da mãe está correndo risco, ou quando há exceções.



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

uma autoridade maior e mais visível como advém da legislação pater-famílias⁵. De modo geral, houve uma pequena desmistificação da ínfima posição da mulher em países como Japão, China e Coreia do Sul, nos quais mulheres já exercem cargos políticos altos e renomados, como a imperatriz chinesa Tzu Hsi, ou a primeira-ministra indiana Indira Gandhi.

2.4 O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE VIGENTE

É certo que o papel da mulher vem se alterando nas diferentes sociedades. Com o advento da Revolução Industrial na sociedade capitalista, as mulheres passaram a desempenhar novas funções anteriormente restritas ao sexo masculino, trabalhando como operárias nas indústrias têxteis e, posteriormente, com o movimento feminista, começaram a adquirir direitos a fim de se igualarem política, econômica e socialmente aos homens.

Uma das primeiras reivindicações do movimento feminista, que buscava a igualdade de direitos entre homens e mulheres, foi o voto. Antes, a participação da mulher na esfera política lhe era negada e o direito ao voto era privilégio do sexo masculino. Foi em 1893 que a Nova Zelândia reconheceu o direito da mulher ao voto, impulsionando outros países a fazer o mesmo. No Reino Unido, com o objetivo de obter o sufrágio feminino, as chamadas sufragistas iam às ruas protestando, fazendo greve de fome e qualquer outro tipo de ação que pudesse ajudar na conquista de tal direito e a expor o sexismo na política do país. No Brasil, este direito era negado até 1932 pelo Estado, sendo este assegurado dois anos mais tarde na Constituição de 1934.

Na Islândia, em 24 de outubro de 1975, ocorreu a chamada Greve Geral, da qual aderiram grande parte da população feminina, totalizando aproximadamente 90% das trabalhadoras. Neste dia, essas mulheres não trabalharam e não fizeram as tarefas que lhe eram induzidas, acometendo na estagnação do transporte público e do comércio. Elas reivindicavam direitos iguais para homens e mulheres e demonstraram a importância da força da mulher no mercado de trabalho, e que, quando as mulheres não trabalham,

5 Legislação fundamentada na Roma Antiga na qual a família possuía um chefe familiar, um único ser que detinha o poder ilimitado, o homem. Nela, os outros membros deveriam ter seus interesses subordinados a este. Gerou-se então, a família patriarcal.



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

muita coisa não funciona.⁶ Cinco anos após a manifestação, a Finlândia foi o primeiro país a eleger democraticamente uma mulher.

Foi no ano de 1952 que a Convenção Sobre os Direitos Políticos da Mulher foi aprovada na Organização das Nações Unidas, garantindo o sufrágio feminino nos países-membros. Dito isso, 122 países já aderiram à convenção, com exceção de alguns no Oriente Médio, como Arábia Saudita e os Emirados Árabes.

Embora tenham ocorrido avanços para a equidade das mulheres na sociedade, a educação continua sendo um privilégio apenas para homens em muitos países. Em algumas partes do mundo, as meninas são proibidas de estudar ou precisam da autorização de um parente homem para tal. Além disso, mesmo em lugares onde elas possuem esse direito, muitas garotas são agredidas, tanto verbal como fisicamente, por terem acesso à educação. Esses ataques refletem a violência vivida pelas mulheres em todas as esferas de suas vidas.⁷

É importante ressaltar que quando retiradas da sala de aula as mulheres ficam expostas a outras violações dos direitos humanos, como o casamento infantil ou forçado, violência doméstica, gravidez precoce, tráfico de pessoas e exploração sexual e trabalhista. A negação deste direito contribui para a falta de acesso a oportunidades e a exclusão da mulher do mercado de trabalho formal, condenando-as a subempregos ou ao desemprego, e conseqüentemente, a um aumento da desigualdade salarial entre homens e mulheres.

Pode-se afirmar que hoje as mulheres têm mais liberdade e autonomia para tomar suas próprias decisões. Papéis de gênero que impõe um lugar à mulher e outro ao homem estão cada vez mais sendo abandonados e substituídos pela equidade de direitos. Compreende-se que o papel da mulher, ao longo da história, foi se modificando, passando de coadjuvante para protagonista. Entretanto, apesar das conquistas das mulheres na sociedade contemporânea, muitos direitos ainda lhes são negados, reforçando a importância desse assunto nas discussões da sociedade civil e do Estado.

6 É importante lembrar que durante a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, o trabalho das mulheres foi indispensável para a manutenção dos países. Na Inglaterra, durante a Segunda Guerra Mundial, período em que houve o maior número de mulheres nos postos de trabalho, elas ocupavam funções consideradas, até então, de exclusividade masculina, como engenheiras, supervisoras de produção e motoristas de caminhão, por exemplo, e também se alistaram nas forças armadas.

7 Em 2012, a paquistanesa Malala Yousafzai foi baleada após sair da escola pelo grupo terrorista Talibã. A motivação para tal crime foi o fato de Malala lutar pela educação das meninas em seu país, dominado pelo grupo terrorista que é contra a educação de mulheres.



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

3 O RELACIONAMENTO ABUSIVO NA SOCIEDADE ATUAL

3.1 O RELACIONAMENTO ABUSIVO VELADO

Como já foi visto no capítulo anterior, o patriarcado é um sistema social que se encontra presente em diversos períodos da história, prolongando-se até o contexto atual. Tal modelo de sociedade promove um convívio baseado na submissão feminina que, nos dias atuais, acarretam inúmeros impasses na vida das mulheres. Apesar de tantos séculos transcorridos, desde o surgimento das primeiras sociedades históricas, as mulheres ainda se deparam com um cotidiano baseado na repressão e na privação de direitos.

O relacionamento abusivo é um dos principais métodos utilizados para coibir, reprimir e limitar a independência feminina. Trata-se de uma relação baseada em laços afetivos com indivíduos que apresentam comportamentos abusivos - desde abuso emocional, verbal, físico, até mesmo sexual. Estas relações são caracterizadas por jogos de controle, manipulação, ciúmes excessivo, violência e frieza emocional. Trata-se de um relacionamento baseado no controle sobre a figura feminina, censurando suas ações e vontades a partir de apelações emocionais em um jogo de sentimentos. Assim, o homem estabelece o comando na relação, sujeitando a mulher a agir de acordo com aquilo que ele julga correto independentemente das vontades que esta exprime.

As mulheres, geralmente, tem extrema dificuldade em identificar o parceiro abusivo. Muitas vezes, este companheiro violento e controlador é capaz de reverter toda uma situação de abuso e colocar a culpa na sua parceira. Estas relações costumam causar baixa autoestima na vítima, visto que esta é constantemente incriminada por todos os acontecimentos ao seu redor, fazendo-a não se sentir boa o suficiente e/ou capaz de conquistar sua independência. Por conseguinte, são muitas as mulheres que desenvolvem problemas de autoconfiança e autodeterminação, causando até mesmo, em casos mais graves, a depressão.

Ao longo de todos esses anos, o conceito de relacionamento abusivo sempre foi mascarado e silenciado, tanto por uma questão cultural quanto pela dificuldade de encontrar um ambiente livre e favorável para debater sobre o assunto - sem riscos de reprimendas da sociedade. A partir de situações estigmatizadoras e degradantes, a mulher



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

torna-se facilmente um alvo de objetificação, subjugação e fraqueza que podem culminar em um relacionamento nada saudável tanto para a parceira quanto o parceiro⁸.

Em algumas culturas, como a Egípcia no Oriente Próximo, a inferioridade da mulher é uma questão que condiz com a moral muçulmana de seu povo, podendo esta, em muitos casos, oprimi-la de uma maneira cruel, como é abordado no filme de produção egípcia, CAIRO 678. Este faz uma denúncia ao frequente abuso sexual e psicológico recorrente dos homens para com as mulheres egípcias, apresentando de forma surpreendente o quão duro e difícil pode ser uma pessoa lidar com tamanhos infortúnios.

Devido à cultura local, o controle que o homem estabelece não somente na relação, mas também na vivência coletiva com o feminino, acaba se evidenciando e se tornando quase "normal" à população, uma vez que os valores expressos na sociedade sejam assim e não possam ainda ser mudados. Tal postura encontra-se enraizada em uma sociedade machista, que muitas vezes se utiliza da força e do "poder" masculino para colocar a mulher em situações difíceis, desumanas e cruéis.

Na cultura Ocidental, o abuso no relacionamento é questionado e discutido com um pouco mais de regularidade pela diferença existente entre a rigidez das culturas, já que o conservadorismo inserido nessa não é tão enraizado quanto na cultura Oriental. Nunca deixaram de ser presentes os malefícios que o abuso traz a uma mulher. Diariamente são noticiados casos de violência e abuso contra estas, apesar de se viver em uma sociedade na qual qualquer ato que venha a machucar física ou psicologicamente seja repudiado e eticamente incorreto. Apesar de se tentar mudar e acabar com tais abusos, eles ainda, infelizmente, persistem em ocorrer.

Mesmo diante da ocorrência de inúmeros casos de relacionamentos abusivos já averiguados dentro do nosso país, muitas pessoas ainda se apresentam indiferentes a esta realidade. A luta pela equidade de direitos e justiça para com as mulheres ainda é uma conquista muito distante e, por este motivo, grande parte da população se acomoda perante os índices de violência e abuso contra mulheres no Brasil. Entretanto, essa luta

⁸ Itaipava – “Verão” - Uma propaganda corriqueiramente transmitida na televisão brasileira, que, além de estereotipar a imagem da mulher, a transforma em um mero objeto de comercialização ao comparar o volume de bebida nas garrafas com os silícones da modelo, fato que, mais uma vez, reforça a ideia de inferiorização feminina ao propor aos homens uma escolha de sua preferência.



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

deve ser prolongada até que se torne possível a conquista dos direitos e da liberdade feminina a fim existir, finalmente, uma igualdade de gêneros digna e íntegra⁹.

3.2 NATURALIZAÇÃO DO RELACIONAMENTO ABUSIVO

Na sociedade vigente, principalmente no mundo midiático, é extremamente comum e recorrente a presença de notícias sobre comportamentos machistas e abusivos contra as mulheres. Em muitas delas, as manchetes seguem nossa cultura patriarcal da culpabilização da vítima e da justificativa para o ato praticado.

Além disso, a naturalização dos relacionamentos abusivos inclusive nas estações televisivas é bastante evidente. Um exemplo muito comentado foi na famosa novela *Malhação 2014* (Rede Globo) no episódio exibido no dia 09 de março de 2015, no qual o personagem "Pedro" sequestra a ex-companheira com o objetivo de reatar o relacionamento com a garota. Ao divulgar essa prática na televisão, a grande mídia faz com que os jovens acreditem que qualquer violência física, psicológica ou sexual contra as mulheres é um aspecto natural da sociedade.

Uma pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo (2010) mostra a dificuldade que muitas mulheres têm em identificar um ato de abuso contra si, fato que reforça a naturalização da violência cotidiana contra a mulher em nossa sociedade. Segundo o já citado estudo, a diferença entre o número de mulheres que identificaram espontaneamente haver sofrido algum tipo de violência e as que só indicaram que foram vítimas quando o entrevistador apontou atos de violência é significativa. Por exemplo, na entrevista, "violência psíquica ou verbal", o abuso só foi identificado de forma espontânea por 4% das entrevistadas, entretanto, quando a resposta foi estimulada e o entrevistador enumera os atos de violência, há um aumento de 23% no reconhecimento dos delitos pelas vítimas.

Esse dado expõe a naturalização da violência contra a mulher ao ponto de não ser reconhecida como tal, seja pelos valores constituídos pela sociedade patriarcal, seja pelas religiões, que, muitas vezes, perpetuam a submissão e a culpabilização da mulher, ou

⁹ Uma das conquistas já concretizadas pelas mulheres no Brasil foi a aprovação da Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006), que luta contra a violência doméstica, ainda muito frequente no país. Entretanto, embora esta já tenha entrado em vigor há 11 anos, ainda é pouco utilizada pelas vítimas. Em casos de homicídio de mulheres, a menção expressa desta lei, consta que esta apareceu em apenas 33% das ocorrências relatadas entre os anos de 2006 e 2011.



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

até mesmo pela mídia que romantiza os abusos sofridos em um relacionamento. A violência contra a mulher, física, psicológica ou sexual, está diretamente relacionada com a cultura de submissão feminina.

É importante lembrar que a mídia, como uma grande instituição informal de formação do pensamento crítico da população, deveria ter como um de seus principais objetivos a divulgação de notícias sem a banalização do abuso. Somente assim, mais mulheres conseguiriam identificar os sinais e indícios dos relacionamentos abusivos e, consequentemente, da violência.

4 O VIÉS DA VÍTIMA NO RELACIONAMENTO ABUSIVO

4.1 AS MOTIVAÇÕES PELAS QUAIS AS VÍTIMAS NÃO DENUNCIAM E/OU NÃO IDENTIFICAM O ABUSO SOFRIDO

São muitas as ocorrências do relacionamento abusivo dentro da sociedade atual, no entanto, o número de denúncias sobre esta violência cotidiana é expressivamente baixo. Esta conjuntura decorre da constante ameaça na qual a vítima do abuso se encontra. O relacionamento abusivo estabelece um vínculo extremamente danoso e prejudicial para a saúde mental da vítima. Por conseguinte, este transtorno coíbe a capacidade do indivíduo de denunciar ou até mesmo identificar o abuso ao qual está submetido.

A dificuldade de identificar o abuso sofrido dentro de uma relação advém dos constantes jogos de controle psicológico estabelecidos. O abusador provoca situações capazes de inferiorizar a vítima de todas as maneiras, prejudicando crucialmente a autoestima e independência desta, fazendo com que predominem os sentimentos de incapacidade e incompetência no inconsciente do indivíduo. Concomitantemente, seu parceiro apodera-se da fraqueza emocional da vítima adotando uma postura autoritária e fria, seguida de constantes ameaças. Portanto, a pessoa psicologicamente afetada por tais atos de violência possui uma imensa dificuldade de identificar o abuso pelo qual passa.

São muitas as motivações que levam a vítima a optar por não denunciar a agressão e/ou o abuso sofrido. Dentre elas está o pequeno número de Delegacias da Mulher, dentro do território brasileiro (cerca de 368 instalações para mais de 5,5 mil municípios), a dificuldade encontrada para comprovar a violência a qual esta foi submetida (princi-



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

palmente quando a violência é psicológica) e, até mesmo, a falta de capacitação dos agentes responsáveis por registrar as denúncias. Os agentes são em sua grande parte homens e, muitas vezes, buscam convencer as vítimas de que não é necessário registrar a queixa, já que a situação na qual estas se encontram, logo passará.

É importante destacar que o relacionamento abusivo é o ponto inicial para uma série de consequências possíveis na vida da vítima. Este tipo de relação pode ocasionar a violência não só psicológica, como também a violência física, fato que necessita de uma rápida e detalhada denúncia para evitar futuras agressões, talvez até mais graves à parceira¹⁰. O que ocorre na realidade é uma defasagem muito expressiva entre os casos de violência contra a mulher registrados e os casos omitidos, negligenciados ou silenciados. Este quadro provém da constante submissão e medo vivenciados por aquelas que sofreram a agressão, o que alimenta a angústia de viver em eterna ameaça. Resulta disso a reclusão e a omissão, já que o temor vai de uma provável violência recorrente até o feminicídio.

Nota-se que em quase todos os casos de abuso, tanto físico quanto psicológico, as vítimas sentem-se culpadas pelo ato praticado contra elas, tornando, assim, o número de denúncias muito baixo, além de fortificar a submissão feminina instalada na sociedade patriarcal e machista vigente.

4.2 CONSEQUÊNCIAS PSICOLÓGICAS DECORRENTES DE ABUSO NO RELACIONAMENTO

Os conhecidos “crimes passionais”, crimes cometidos e motivados pela “paixão”, estão, muitas vezes, diretamente ligados aos relacionamentos abusivos. Além dos crimes propriamente ditos, os abusos e torturas emocionais, físicas, sexuais ou psicológicas deixam marcas, traumas e consequências na maior parte das vítimas.

Nossa sociedade é ensinada a sempre culpar e “incriminar” a pessoa abusada, acarretando diversos problemas, principalmente emocionais, os quais podem levar o indivíduo ao isolamento e ao, conseqüente, distanciamento social. De acordo com o estudo realizado pelo Datafolha, aproximadamente 1/3 dos entrevistados concordam que mulhe-

10 Alguns dados referentes à violência contra a mulher: 5 espancamentos a cada 2 minutos, (Fundação Perseu Abramo/2010); 1 estupro a cada 11 minutos, (9º Anuário da Segurança Pública/2015); 1 feminicídio a cada 90 minutos, (Violência contra a mulher: feminicídios no Brasil (Ipea/2013).



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

res que “não se dão ao respeito” são estupradas, comprovando a presente condenação da vítima pela sociedade.

Além disso, durante o término de um relacionamento abusivo, a maioria das vítimas carrega consigo um sentimento de impotência, causado, principalmente, pelos abusos emocionais e psicológicos cometidos pelo parceiro. Seguido do sentimento de impotência, geralmente vem a culpa. Muitos dos indivíduos que passaram por esse tipo de relacionamento se sentem culpados e responsáveis pelos acontecimentos e eventos que levaram ao término da relação.

Os problemas de um relacionamento abusivo, em alguns casos, podem ocorrer até depois do término. Especialistas apontam que abuso sexual e agressão física estão entre os fatores que levam alguém a desenvolver o Transtorno do Estresse Pós-Traumático, caracterizado pela ansiedade decorrente de alguma situação traumática. Os sintomas incluem lembranças, “flashbacks” e pesadelos do ocorrido; isolamento social e de atividades que remetem à violência sofrida; além de reações exageradas a estímulos, hipervigilância e taquicardia.

A central americana de ajuda “*Love is respect*”, que trabalha para ajudar e prevenir relacionamentos abusivos na juventude, divulgou informações que apontam os problemas que as vítimas de tais convivências ficam suscetíveis. Segundo os dados, o relacionamento abusivo, quando ocorrido na adolescência, pode acarretar em distúrbios alimentares, abuso de drogas, comportamentos sexuais arriscados e a outros relacionamentos abusivos no futuro. Além disso, metade dos jovens que sofreram abuso no relacionamento e que também foram vítimas de estupro tentam suicídio.

Com isso, fica bastante perceptível a difícil situação enfrentada pelos que sofreram com relações abusivas e os grandes problemas decorrentes disso. Os transtornos tanto emocionais quanto físicos tornam-se marcas sociais difíceis de libertar-se. De qualquer forma, a sociedade patriarcal na qual vivemos perpetua a normalização dos abusos contra as mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É certo que há muitos tipos de relacionamentos entre os seres humanos. Entretanto, devido a sociedade patriarcal e machista na qual vivemos, em grande parte dos



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

relacionamentos amorosos há a presença de torturas emocionais, psicológicas ou físicas que caracterizam o famigerado relacionamento abusivo.

Como foi visto, em diversas civilizações, a presença do patriarcado é forte e resistente. As mulheres, em geral, são reconhecidas como figuras inferiores e submissas aos poderes masculinos. Tudo isso contribui para a ideia machista e opressora de que as mulheres devem se subordinar a pressão dos homens, criando, inclusive, a ideia de posse destes sobre o sexo feminino.

Desta forma, a relação abusiva encontra-se enraizada na sociedade vigente. Desde pequenas as meninas são ensinadas a serem ambiciosas, mas não a ponto de ofuscarem o sucesso masculino, constituindo desde a infância a submissão na qual a imagem feminina é submetida. Por conseguinte, o abuso é facilmente aplicado em indivíduos dependentes de uma figura superior e com maior êxito na vida. Assim, as mulheres são desmotivadas a crerem no próprio sucesso, abrindo portas para futuros transtornos aos quais serão submetidas.

Devido ao fato da relação abusiva ser uma constante no cotidiano feminino, tal situação é corriqueiramente velada dentro da sociedade machista na qual estamos inseridos. Esta espécie de naturalização e banalização dos relacionamentos abusivos tornam difícil e complexa a identificação desse tipo de relação. Além disso, geram maior relutância e hesitação na mente da vítima, o que resulta em menor índice de denúncia dos agressores.

Portanto, o relacionamento abusivo tem como alvo mulheres fragilizadas pelos seus laços amorosos, pondo frequentemente em risco sua saúde mental e física. Estas são submetidas a longos processos de jogos de controles estabelecidos pelos parceiros abusivos. Assim, é estritamente necessário que a sociedade como um todo exponha, problematize e fale abertamente sobre esse assunto ainda considerado tabu por muitos. Como uma questão de segurança, tanto emocional quanto física, é imprescindível obter consciência das limitações que uma relação abusiva pode proporcionar e suas reais consequências para a vítima.



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

REFERÊNCIAS

A mulher no Islã: um ser inferior. 2015. Disponível em: <<http://www.cacp.org.br/a-mulher-no-islã-um-ser-inferior/>> Acesso em: 19 Abr. 2017.

CHANDRAN, Rina. **Menina de 10 anos vítima de estupro dá à luz após pedido de aborto negado pela Justiça da Índia.** 2017. Disponível em: <<https://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/internacional/2017/08/17/menina-de-10-anos-vitima-de-estupro-da-a-luz-apos-pedido-de-aborto-negado-pela-justica-da-india.htm?cmpid=copiaecola>> Acesso em: 21 Ago. 2017.

COTRIM, Gilberto. **História Global: Brasil e Geral.** São Paulo: Editora Saraiva, 2012.

CAIRO 678. Direção de Mohamed Diab. Produção de Sarah Goher. Egito: Imovision, 2012. 100 minutos, 35mm. Son., color.

EFRAIM, Anita. **Excesso de brigas, culpa, ciúmes exagerado? Você pode estar em um relacionamento abusivo.** 2016. Disponível em: <<http://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,excesso-de-brigas-culpa-ciumes-exagerado-voce-pode-estar-em-um-relacionamento-abusivo,10000021799>>. Acesso em: 30 Jun. 2017.

ENGELS, Friedrich. **A Origem da família, da propriedade privada e do Estado.** São Paulo: Editora Expressão Popular, 2010.

FARIAS, Hesdras Sérvulo Souto de Siqueira **Refutando a ideia de opressão e desrespeito às mulheres muçulmanas.** 2010. Disponível em: <<http://www.icarabe.org/artigos/refutando-a-ideia-de-opressao-e-desrespeito-as-mulheres-muculmanas>> Acesso em: 19 Abr. 2017.

Fundação Perseu Abramo. **Mulheres Brasileiras e Gênero nos Espaços Público e Privado.** 2010. Disponível em: <http://csbh.fpabramo.org.br/node/7241>
Acesso em: 24 Abr. 2017

GONÇALVES, Iria. **Notas sobre a Identificação Social Feminina nos finais da Idade Média.** 2008. Disponível em: <<http://www2.fcsb.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA5/medievalista-iria.htm>> Acesso em: 21 Abr. 2017



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

Instituto Avon/Data Popular. **Percepções dos homens sobre a violência doméstica contra a mulher.** 3ª edição. 2013. Disponível em: <<http://centralmulheres.com.br/data/avon/Pesquisa-Avon-Datapopular-2013.pdf>>. Acesso em 28 Mai. 2017.

Machismo: Restaurante chinês dá desconto de acordo com o tamanho dos seios. Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/2017/08/10/machismo-restaurante-chines-da-desconto-de-acordo-com-o-tamanho-dos-seios/>> Acesso em: 21 Ago. 2017.

MARQUES, Tânia Mendonça. **Violência conjugal: estudo sobre a permanência da mulher em relacionamentos abusivos.** 2005. 300 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.

MITCHELL, Juliet **Mulheres: A revolução mais longa.** 2008. Disponível em: <<http://marxismo21.org/wp-content/uploads/2013/01/G%C3%AAnero-J-Mitchell.pdf>> Acesso em: 27 Abr. 2017.

Mulheres na Inquisição. Disponível em: <<http://www.vix.com/pt/bdm/estilo/mulheres-da-inquisicao>> Acesso em: 21 Abr. 2017.

POLLO, Luiza. **Relacionamento abusivo não acontece apenas entre casais; saiba identificar.** 2017. Disponível em: <<http://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,relacionamento-abusivo-nao-acontece-apenas-entre-casais-saiba-identificar,70001720538>>. Acesso em: 30 Jun. 2017.

POMAR, Milton **Mulheres na Ásia.** 08 de março de 2016. Disponível em: <<http://www.amanha.com.br/posts/view/1932/mulheres-na-asia>> Acesso em: 19 Abr. 2017.

QUEIROZ, Julia **O Sistema Patriarcal ou a Lei do mais Forte.** Disponível em: <<https://escritorajulia.wordpress.com/2010/08/25/o-sistema-patriarcal-ou-a-lei-do-mais-forte/>> Acesso em: 21 Abr. 2017

Recém-nascida sobrevive após ser abandonada em mata espinhosa na Índia. Com informações do jornal "The Sun". Disponível em: <<https://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/internacional/2017/08/16/rece-nascida-sobrevive-apos-ser-abandonada-em-mata-espinhosa-na-india.htm>> Acesso em: 21 Ago. 2017.



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

Relacionamentos Abusivos. 2017. Disponível em: < <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/jornal-do-almoco/videos/v/relacionamentos-abusivos/5945185/>>. Acesso em: 30 Jun. 2017

RINCÓN, Maria Luciana. **As mulheres e o Islã: entenda o papel feminino no mundo muçulmano.** 14 de junho de 2016. Disponível em: <<http://www.megacurioso.com.br/religiao/99226-as-mulheres-e-o-islã-entenda-o-papel-feminino-no-mundo-muculmano.htm>> Acesso em: 19 Abr. 2017.

SAAVEDRA, Rosa e MACHADO, Carla. **Violência nas relações de namoro entre adolescentes: Avaliação do impacto de um programa de sensibilização e informação em contexto escolar.** Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, Lisboa, Portugal. Universidade de Psicologia de Minho, Gualtar, Portugal. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S0870-82312012000100010&script=sci_arttext&lng=en> Acesso em: 2 Jun. 2017.

SANI, Ana **Mulher e mãe no contexto de violência doméstica.** Setembro de 2008. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais Fernando Pessoa, Porto, Portugal. Disponível em: < http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S0874-55602008000200007&script=sci_arttext&lng=es> Acesso em: 2 Jun. 2017.

SANTOS, Marina D'Lara Siqueira **Feminismo Islâmico: uma análise sobre opressão e liberdade.** 29 agosto de 2015. Pontifícia Universidade de Minas Gerais, Minas Gerais. Disponível em: < <https://pucminasconjuntura.wordpress.com/2015/08/29/feminismo-islamico-uma-analise-sobre-opressao-e-liberdade/>> Acesso em: 19 Abr. 2017.

Sinais de Relação Abusiva: Dez Sinais Importantes de um Relacionamento Abusivo. Abril de 2009. Disponível em: < <http://www.sosmulherfamilia.org.br/sinais-de-rela%C3%A7%C3%A3o-abusiva>> Acesso em: 2 Jun. 2017.

TELLES, Bolívar da Silva. **O Direito de Família no Ordenamento Jurídico na Visão Codificada e Constitucionalizada.** Faculdade de Direito, PUCRS, Porto Alegre. Página 2. Disponível em: <http://www3.pucrs.br/pucrs/files/uni/poa/direito/graduacao/tcc/tcc2/trabalhos2011_1/bolivar_telles.pdf> Acesso em: 21 Ago. 2017.

VEIGA, Edison. **45% dos brasileiros acreditam ser preciso controlar o parceiro.** 2016. Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,quase-metade-dos-brasileiros-acreditam-ser-preciso-controlar-o-parceiro-diz-pesquisa,10000083932>>. Acesso em: 30 Jun. 2017.